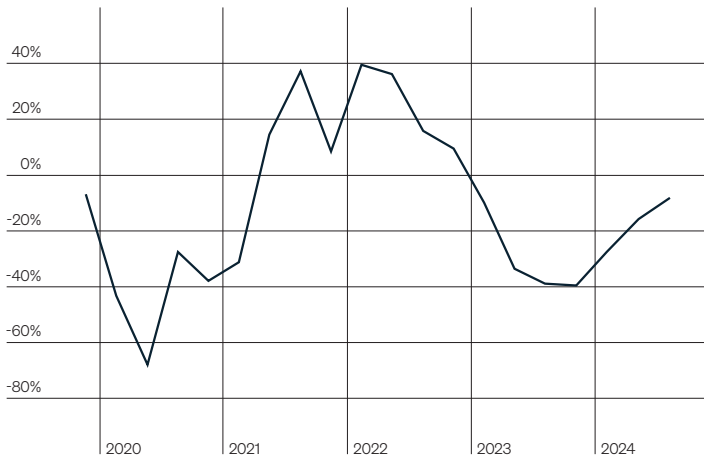


ANÁLISE
TRIMESTRAL
DE CONJUNTURA
À INDÚSTRIA DE
CALÇADO:
3º TRIMESTRE
2024

No terceiro trimestre de 2024, a indústria portuguesa de calçado apresentou sinais de estabilidade e melhoria em alguns indicadores. A resposta mais frequente à maioria das questões relativas ao trimestre foi no sentido da estabilidade ou normalidade (produção, utilização da capacidade, encomendas, preços, emprego e estado dos negócios) e, na maioria dos casos, o saldo entre as respostas positivas e negativas melhorou face aos trimestres mais recentes. Em geral, as respostas das empresas são tanto mais favoráveis quanto maior a sua dimensão.

As perspetivas para o último trimestre de 2024 são de continuidade na estabilidade, com 56% das empresas a prever a manutenção dos níveis de produção e 62% a acreditar que o estado dos negócios será suficiente. A insuficiência de encomendas do estrangeiro continua a liderar as preocupações empresariais, seguida pelas questões relacionadas com o preço ou abastecimento das matérias-primas.



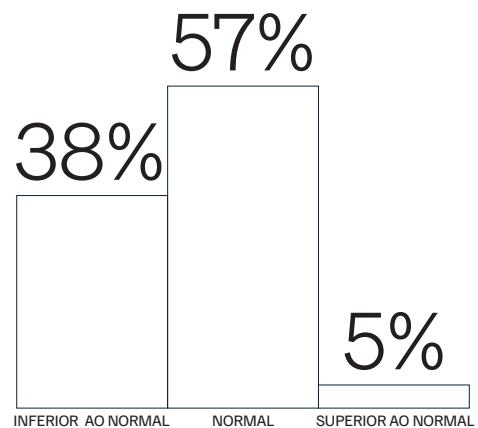
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

PRODUÇÃO

No terceiro trimestre, a estabilidade voltou a ser resposta mais frequente das empresas da indústria de calçado (41%) quanto à evolução do seu nível de produção. O saldo de respostas extremas (s.r.e), isto é, a diferença entre a percentagem das que indicaram um aumento e uma diminuição da produção, melhorou pelo terceiro trimestre consecutivo, tendo atingido o valor de -7 pontos percentuais (p.p.), o menos desfavorável desde o início de 2023. Esta melhoria deveu-se essencialmente ao desempenho das empresas de maior dimensão (mais de 100 trabalhadores).

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

A maioria das empresas (57%) indicou que a utilização da sua capacidade produtiva no terceiro trimestre foi normal para a época do ano. Contudo, a percentagem das que indicaram que ficou aquém do normal foi superior à das que indicaram o contrário (38% versus 5%) originando um s.r.e. de -33 p.p., sensivelmente idêntico ao registado no trimestre anterior. Este resultado é relativamente uniforme entre os vários escalões de orientação de mercado, mas é tendencialmente mais favorável entre as empresas de maior dimensão.

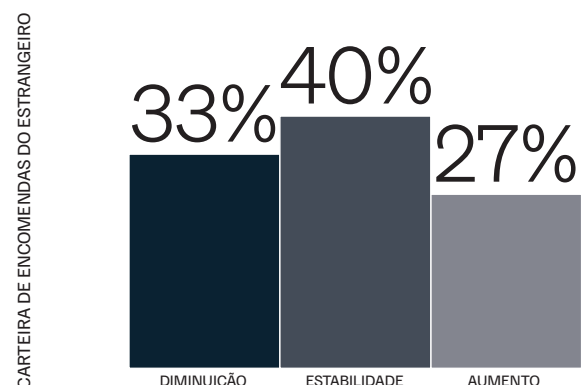
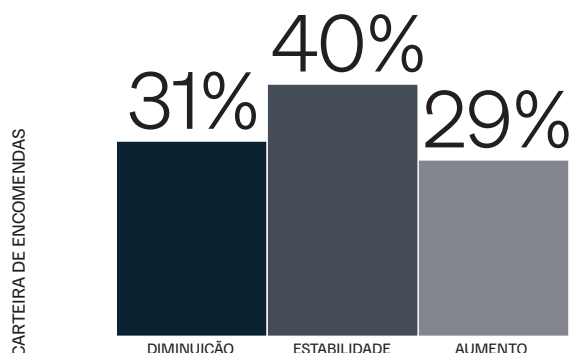


CARTEIRA DE ENCOMENDAS

A apreciação da evolução das encomendas melhorou significativamente, superando as previsões formuladas no trimestre anterior: 40% das empresas afirmam que a carteira global de encomendas permaneceu estável e a diferença entre as que dizem que diminuiu e aumentou foi de apenas -2 pontos percentuais. Este foi o saldo de respostas extremas mais favorável dos últimos dois anos.

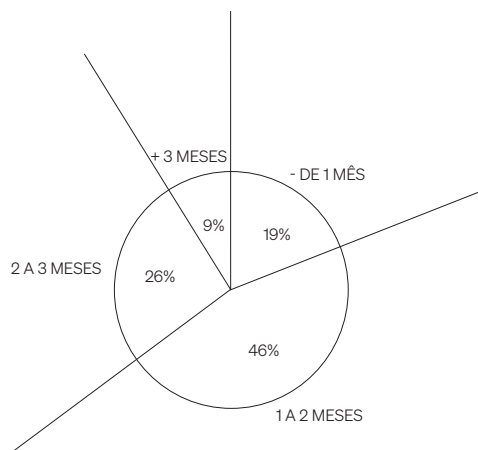
O panorama é semelhante em relação à carteira de encomendas do estrangeiro. Também neste caso, a resposta mais frequente foi a estabilidade, referida pelo mesmo número de empresas (40%). Mais de um quarto das inquiridas (27%) indicam que aumentaram a carteira de encomendas vindas do exterior. Contudo, as que indicam uma diminuição ficaram 6 p.p. acima das primeiras.

Entre as empresas de maior dimensão, com mais de 100 trabalhadores, o saldo de respostas extremas é substancialmente positivo, tanto no que respeita à carteira global como às encomendas do estrangeiro.



HORIZONTE

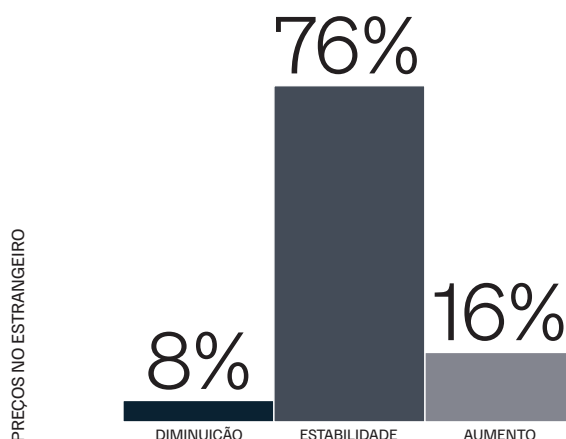
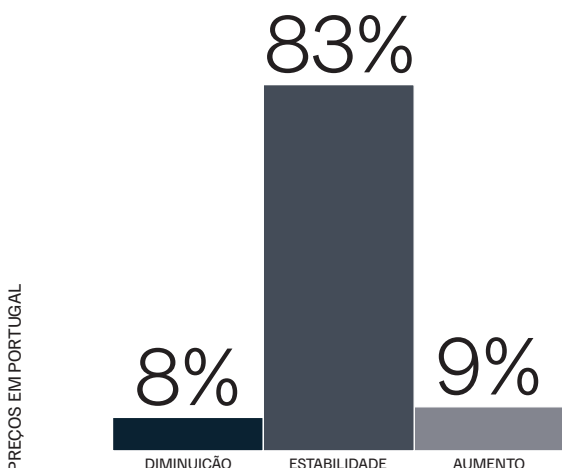
Embora se tenha registado uma ligeira diminuição (de 22% para 19%) da percentagem de inquiridas que dizem ter encomendas asseguradas para menos de 1 mês, no geral, as perspetivas das empresas quanto ao tempo de produção assegurado pela sua carteira de encomendas são semelhantes às do trimestre anterior: quase metade (46%) afirmam ter encomendas que lhes asseguram 1 a 2 meses de atividade e um quarto (26%) 2 a 3 meses. A carteira é mais favorável para as empresas de maior dimensão, metade das quais dizem ter, pelo menos, dois meses de produção assegurada.



PREÇOS

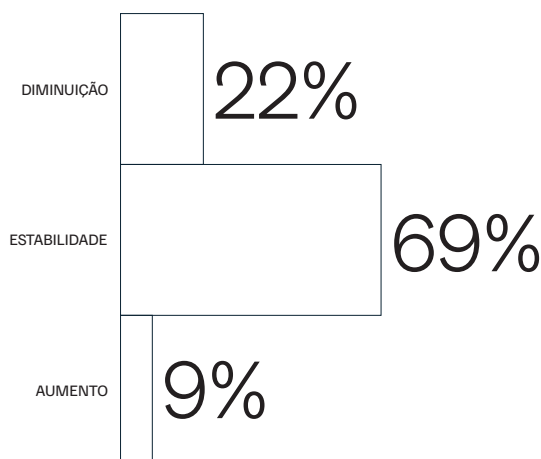
A maioria das empresas consideram que os preços estão estáveis (83% no caso de Portugal e 76% no estrangeiro). No entanto, o preço do calçado mostra uma tendência de evolução ligeiramente diferente em Portugal e nos mercados internacionais: em ambos os casos as

indicações de aumento superam as de diminuição, mas no mercado internacional esta tendência é bastante mais evidente (8 pontos percentuais, contra 1 ponto percentual no mercado nacional).



PESSOAS AO SERVIÇO

Duas em cada três empresas afirmam que, entre julho e setembro, o número de pessoas ao seu serviço não se alterou, sendo esta percentagem mais elevada entre as pequenas empresas. Há até 9% de empresas que dizem ter reforçado os seus quadros de pessoal. No entanto, no último ano e meio, os inquiridos que reduziram o número de pessoas ao serviço foram sempre mais do que os que o aumentaram (s.r.e. -13 p.p. neste trimestre).

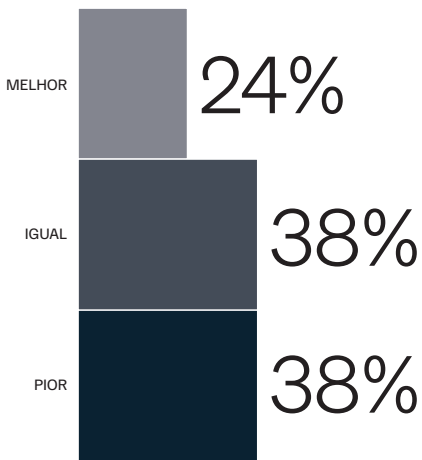


ESTADO DOS NEGÓCIOS

A avaliação global do estado dos negócios manteve-se praticamente inalterada face ao segundo trimestre. Quase dois terços das empresas consideram que o estado dos negócios foi suficiente. No entanto, a percentagem das que consideram que o estado dos negócios foi bom foi de 13% enquanto a das que entendem que foi mau atingiu 24%, gerando um saldo de respostas extremas de -11 p.p., ainda assim o melhor do último ano e meio.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

Quando chamadas a comparar o atual estado dos negócios com o verificado entre julho e setembro de 2023, quase um quarto das empresas afirmam que foi melhor enquanto as restantes se dividem em igual percentagem entre igual e pior (38%). Apesar de negativo (-14 p.p.) o s.r.e. continua a mostrar claros sinais de melhoria desde o segundo semestre de 2023.

Tal como no trimestre anterior, a apreciação do estado dos negócios permanece favorável para as empresas com mais de 100 trabalhadores e desfavorável nas de menor dimensão. O saldo de respostas extremas varia desde -27 p.p. para as pequenas empresas até +50 p.p. para as muito grandes. No que respeita à orientação de mercado, por comparação com o trimestre homólogo, o s.r.e. só é positivo para a empresas que exportam cerca de metade da sua produção.

PEQUENAS EMPRESAS	34%		59%		7%
	MAU		SUFICIENTE		BOM
MÉDIAS EMPRESAS	17%	78%			5%
	MAU	SUFICIENTE			BOM
GRANDES EMPRESAS	18%	59%		23%	
	MAU	SUFICIENTE		BOM	
MUITO GRANDES EMPRESAS	50%		50%		
	SUFICIENTE			BOM	

LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

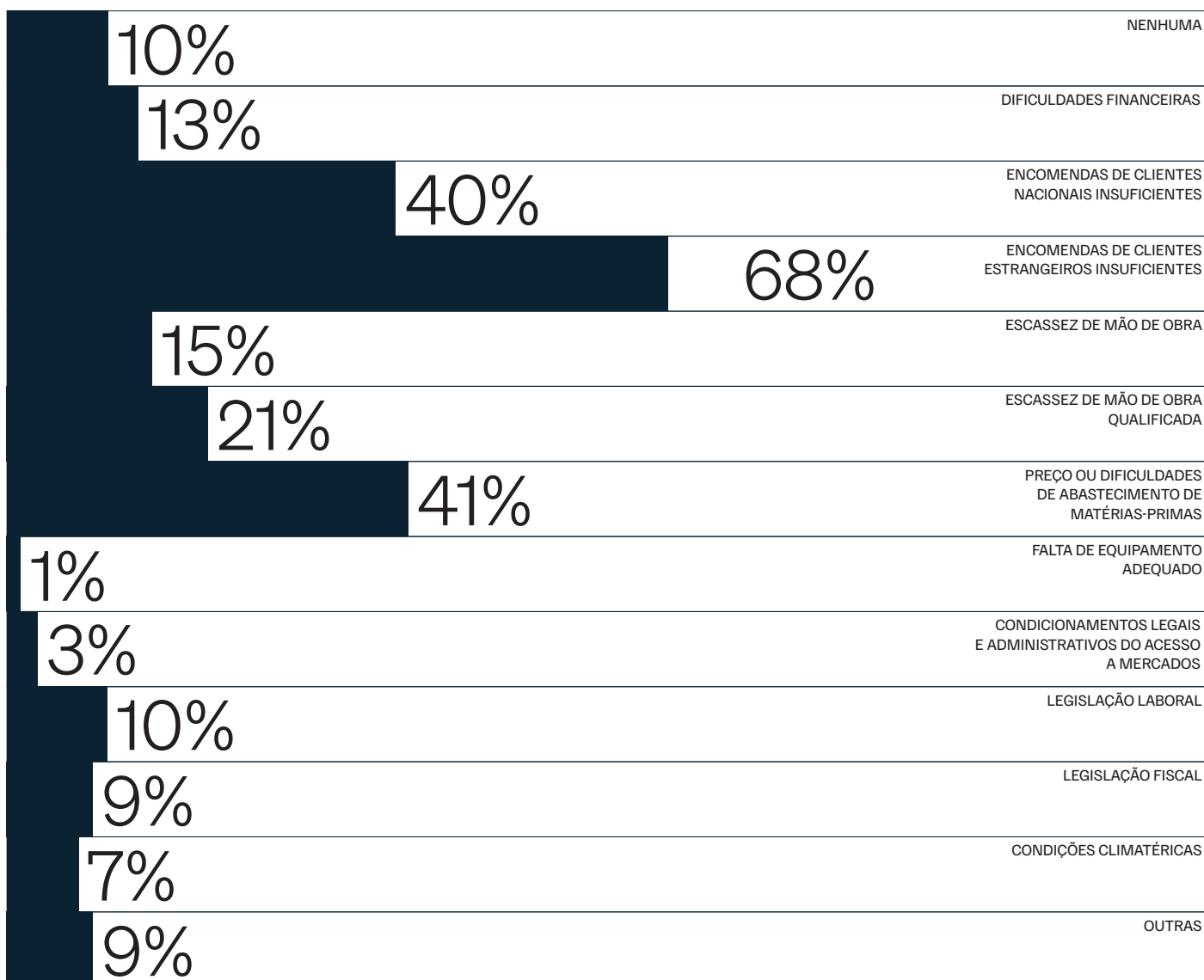
No período agora em análise, as principais restrições à produção e vendas permaneceram praticamente iguais às dos três meses anteriores. Um eventual sinal de melhoria da conjuntura é o ligeiro aumento da percentagem de empresas que disseram não sentir qualquer dificuldade (de 8% para 10%).

A principal variação face ao trimestre anterior foi a significativa redução nas referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais que passaram de 49% para 40%. Contudo, a percentagem das empresas que referem que as encomendas de clientes estrangeiros não são suficientes aumentou, embora apenas em um ponto percentual (passou de 67% para 68%). Esta continua a ser a preocupação mais elencada pelas empresas, nomeadamente as de pequena dimensão.

O preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas ocupam a segunda posição na lista de preocupações da indústria de calçado, com uma percentagem de 41% (mais 6 p.p. do que no trimestre anterior), tendo ultrapassado a insuficiência de encomendas de clientes nacionais. Esta dificuldade afeta as empresas de todos os escalões de dimensão, mas atinge particularmente as empresas de média e grande dimensão.

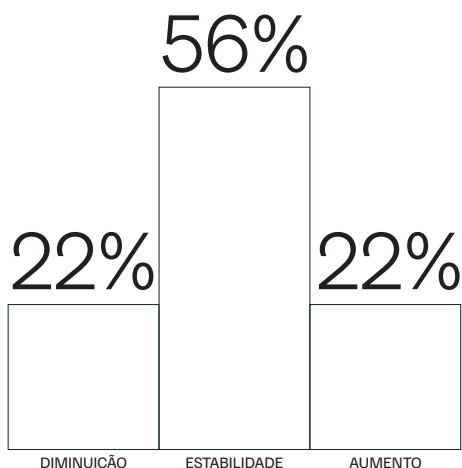
Depois das já mencionadas, a escassez de mão-de-obra qualificada surge na quarta posição das principais limitações, sendo mencionada por 21% dos inquiridos.

Houve ainda um considerável agravamento da referência a outras dificuldades, não especificadas, sentidas pelas empresas (de 2% para 9%).



TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

Estabilidade foi novamente a resposta mais frequente das empresas (56%) quando questionadas sobre as perspetivas de produção para o quarto trimestre. As restantes empresas dividem-se por igual entre a previsão de aumento e de diminuição (s.r.e. nulo), o que reforça esta tendência de estabilidade. De assinalar que o saldo é positivo em todos os escalões de dimensão, exceto no das empresas com menos de 50 trabalhadores.



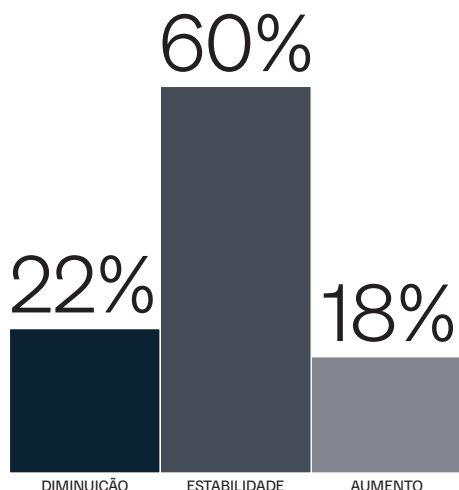
PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

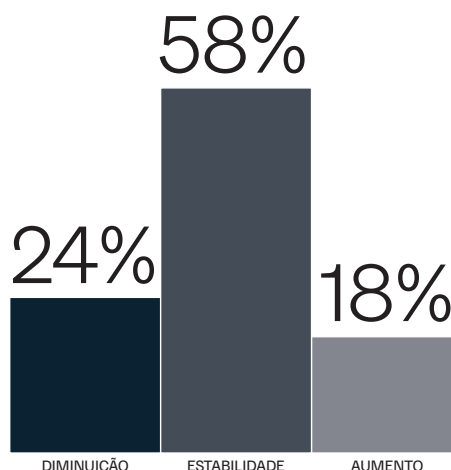
A maioria das empresas acredita também que a sua carteira global de encomendas (60%) e a carteira de encomendas do estrangeiro (58%) permanecerão estáveis. As respostas das restantes empresas sugerem uma ligeira tendência de diminuição da carteira (s.r.e. de -4 p.p. e -6 p.p.

para a carteira global e para a carteira do estrangeiro, respetivamente). As perspetivas para as encomendas são tanto mais favoráveis quanto maior a dimensão das empresas.

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



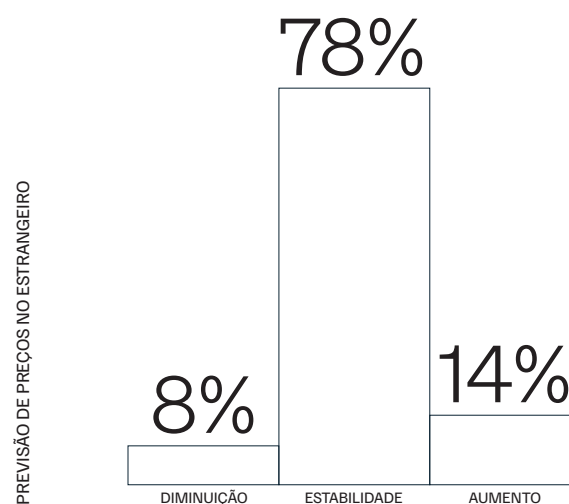
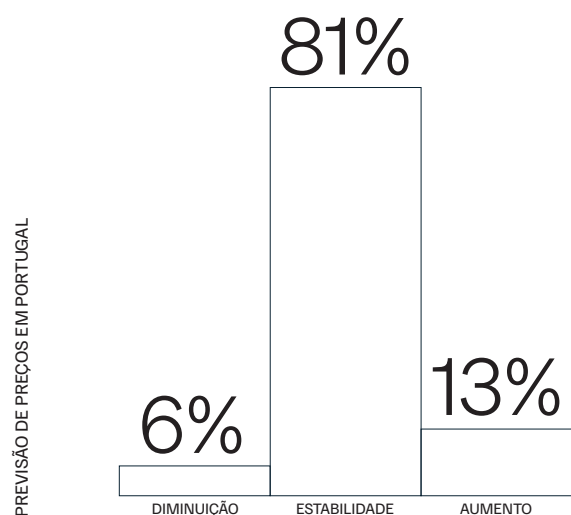
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



PERSPETIVAS DE PREÇOS DE VENDA

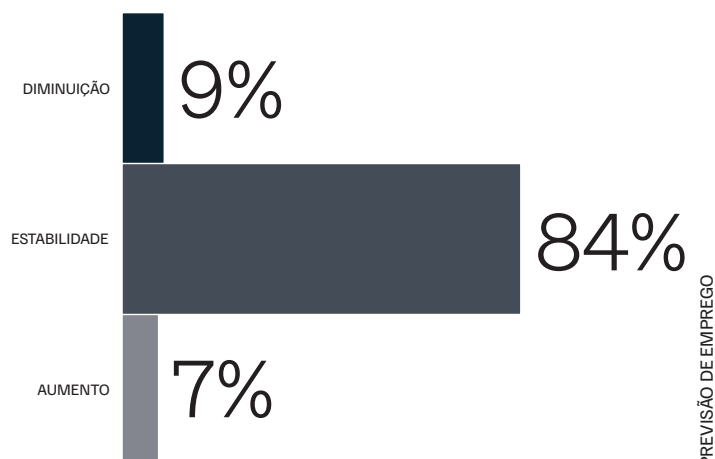
As expectativas das empresas sobre a evolução dos preços para o próximo trimestre continuam a ser positivas, tanto para os preços em Portugal, como no estrangeiro. Ainda que a maioria espere que os preços venham a estabilizar (81% em Portugal e 78% no estrangeiro), os

s.r.e. são positivos: +7 p.p. para os preços em Portugal e +6 p.p. para os mercados externos. Em ambos os casos, as empresas de dimensão intermédia, entre 50 e 250 trabalhadores, são as mais otimistas.



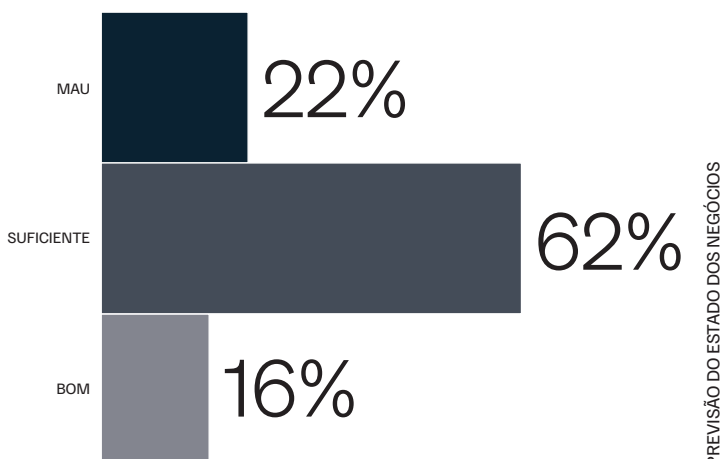
PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

Relativamente ao emprego, não se deverá alterar a tendência que tem vindo a ser observada: 84% das empresas não planeiam alterar o número de pessoas ao seu serviço. Entre as restantes, as que esperam a redução do emprego excedem ligeiramente (-2 p.p.) as que preveem o seu aumento. As empresas de dimensão média e as totalmente orientadas para os mercados externos mostram-se mais otimistas, apresentando saldos positivos.



PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

Quase dois terços das empresas (62%) acreditam que o estado dos negócios no último trimestre de 2024 será suficiente e 16% julgam mesmo que será bom. Embora permaneça negativo (-6 p.p.), o saldo de respostas extremas é o menos desfavorável do último ano e meio. No que respeita à comparação com o trimestre homólogo do ano anterior, os sinais de recuperação não são tão claros, já que as empresas que julgam que o final do ano será pior do que o de 2023 excedem as que pensam que será melhor em 11 p.p. Cerca de metade dos inquiridos consideram que será igual.



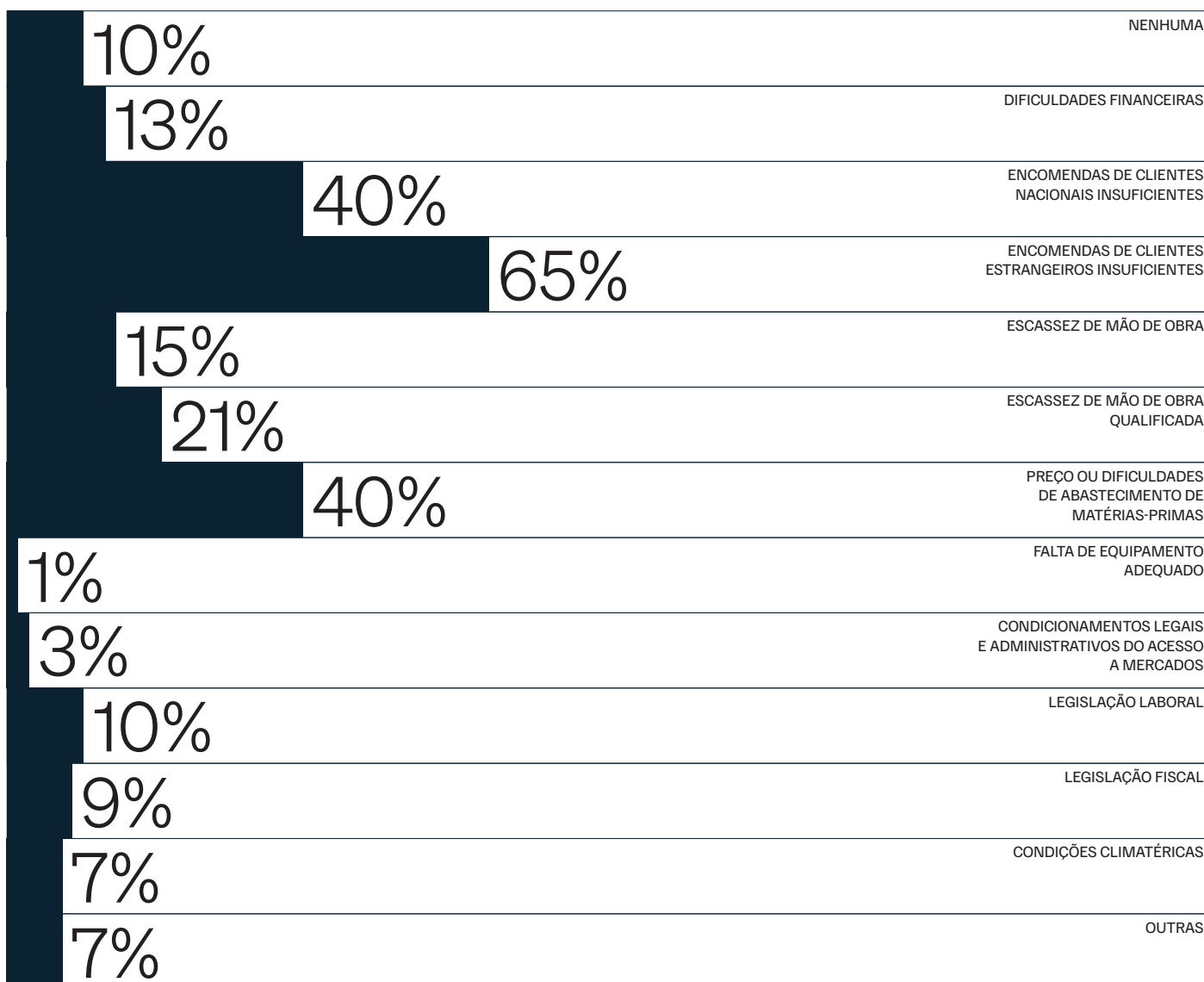
As expectativas das empresas quanto ao estado dos negócios não estão especificamente relacionadas com a sua orientação de mercado. Os saldos entre as expectativas favoráveis e desfavoráveis é nulo entre as empresas orientadas unicamente para o mercado nacional e para as moderadamente exportadoras e atinge 5 p.p. entre as que exportam a totalidade da sua produção. Em termos de dimensão, é positivo para as grandes e muito grandes empresas (s.r.e. de 5 e 50 p.p., respetivamente).

PEQUENAS EMPRESAS	31%	62%	7%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
MÉDIAS EMPRESAS	17%	67%	16%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
GRANDES EMPRESAS	18%	59%	23%
	MAU	SUFICIENTE	BOM
MUITO GRANDES EMPRESAS	50%	50%	
	SUFICIENTE		BOM

LIMITAÇÕES PREVISTAS

As limitações previstas pelas empresas para o último trimestre de 2024 são praticamente as mesmas com que se confrontaram no terceiro. Há, no entanto, um abrandamento, embora pouco acentuado, da percentagem de empresas que indica cada uma das duas principais limitações – insuficiência de encomendas do estrangeiro (passa de 68% para 65%) e preço e dificuldades de abastecimento de matérias-primas (passa de 41% para 40%). Diminui ainda em dois pontos percentuais a expectativa de outro tipo de dificuldades não especificadas, referida por 7% dos inquiridos.

A insuficiência de encomendas nacionais – que ocupa a terceira posição da lista – obteve o mesmo número de referências (40%), tal como as indicações relativas à mão-de-obra, legislação laboral e fiscal, falta de equipamento adequado, condicionamentos legais e administrativos do acesso a mercados externos e condições climatéricas. Também se manteve a percentagem de empresas que esperam não enfrentar nenhuma dificuldade (10%) e das que receiam enfrentar dificuldades financeiras (13%).



DIFICULDADES PREVISTAS PARA O PRÓXIMO TRIMESTRE

NOTAS DE CONJUNTURA

Na Europa, a indústria de calçado continua a enfrentar uma conjuntura difícil. De acordo com o Eurostat, no terceiro trimestre do ano a produção de calçado na União Europeia diminuiu 2,6% face ao trimestre anterior e 8,7% face ao trimestre homólogo de 2023. A evolução não foi uniforme nos diversos países: enquanto a produção espanhola registou um aumento de 0,9%, a italiana caiu 4,5% face ao trimestre anterior. França teve o pior desempenho com uma quebra de 18,7%. Fora da União Europeia, a Turquia reportou uma diminuição de 5,7%, a sexta consecutiva.

Os preços do calçado ao nível do produtor mostram uma ligeira tendência de crescimento. No conjunto dos 27 países da UE, entre julho e setembro, os preços aumentaram 1,0% face ao trimestre anterior e 2,2% por comparação com o trimestre homólogo do ano anterior. Em Portugal, a variação anual foi de 1,4%, menor do que em Itália (2,0%) mas maior do que em Espanha (0,7%).

A exigência da conjuntura é particularmente evidente nos dados de comércio internacional. As estatísticas do Eurostat mostram que, no terceiro trimestre, as importações de calçado dos 27 estados-membros da União Europeia caíram 16% face ao trimestre anterior e 25% face ao trimestre homólogo de 2023. As quedas foram ainda mais acentuadas nos principais mercados de exportação do calçado português: as importações alemãs caíram 26% e 33% face, respetivamente ao trimestre anterior e ao trimestre homólogo, e as francesas 22% e 30%. Neste contexto, entre julho e setembro, as exportações portuguesas de calçado tiveram um desempenho notável, com um aumento de 27% face ao trimestre anterior e de 1% face ao trimestre homólogo de 2023.

As estatísticas sobre a importação de componentes para calçado são um testemunho adicional sobre as dificuldades com que a indústria europeia de calçado está confrontada: refletindo o abrandamento da produção, entre julho e setembro, as importações da União Europeia caíram 37% face aos três meses anteriores e foram apenas 69% das registadas nos mesmos meses de 2023. Em Portugal, a queda face ao trimestre anterior foi de apenas 13% e as importações nacionais ficaram até 17% acima das do trimestre homólogo do ano anterior, demonstrando um desempenho comparativo favorável, particularmente face a Itália onde as quebras se aproximaram dos 50%.

A curto e médio prazo, a situação económica internacional deve manter-se desafiante, não justificando expectativas de fortalecimento significativo da procura por calçado. Na edição de outubro do seu World Economic Outlook, o Fundo Monetário Internacional afirma:

“Espera-se que o crescimento mundial permaneça estável, mas desalentador. A projeção de crescimento de 3,2% em 2024 e 2025 está praticamente inalterada em relação às da atualização do World Economic Outlook de julho de 2024 e ao World Economic Outlook de abril de 2024. (...) A mais recente previsão de crescimento global para daqui a cinco anos – de 3,1% – permanece medíocre em comparação com a média pré-pandemia. Os ventos contrários estruturais persistentes, como o envelhecimento da população e a fraca produtividade, estão a travar o crescimento potencial em muitas economias. (...)”

Os riscos para as perspetivas mundiais são predominantemente negativos, num contexto de elevada incerteza política. (...) Uma intensificação das políticas protecionistas agravaria as tensões comerciais, reduziria a eficiência do mercado e perturbaria ainda mais as cadeias de abastecimento. O aumento das tensões sociais pode provocar agitação social, afetando a confiança dos consumidores e dos investidores e atrasando potencialmente a aprovação e a implementação das reformas estruturais necessárias.»

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, outubro 2024

O FMI prevê que a economia da área euro, em que se enquadram os principais mercados do calçado português, cresça apenas 0,8% em 2024 e 1,2% em 2025. Das principais economias europeias, a espanhola deverá continuar a ter o desempenho mais favorável, com crescimentos de 2,9% e 2,0%, em 2024 e 2025, respetivamente. Em contrapartida, a Alemanha não deverá ir além de 0% este ano e 0,8% no próximo. Fora da Europa, o PIB dos EUA deverá registar um crescimento semelhante ao espanhol (2,8% e 2,2%). A economia chinesa deve continuar a abrandar (4,8% e 4,5%) enquanto a indiana (7,0% e 6,5%) continuará a liderar as taxas de crescimento entre as economias emergentes.

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucédâneos



Cofinanciado pela
União Europeia